

## INTRODUÇÃO À LEITURA FEMINISTA DA POESIA ROMÂNTICA PORTUGUESA

*Henrique Marques Samyn* (UERJ)  
marquessamyn@gmail.com

*Lina Arao* (UFRJ)  
lina\_arao@hotmail.com

### RESUMO

Quando analisado em perspectiva feminista, o texto literário pode revelar aspectos suscitadores de interpretações profícuas e renovadoras. Entre as questões propostas ao texto a partir dessa abordagem, podem-se destacar: a busca pela posição ocupada pelo autor ou pela autora no contexto epocal das relações de gênero, considerando-se que essa posição afeta a própria produção literária; o questionamento pela forma como no texto se representam masculinidades e feminilidades, considerando-se as particularidades e implicações políticas desse modo de representação; e a investigação por possíveis relações que se estabelecem entre o texto e o público a que se destina, na medida em que aquele reforça ou contesta o lugar prescrito para homens e mulheres no espaço cultural em que se inscreve. Nesta oficina, apresentaremos algumas estratégias para a abordagem feminista do texto literário, tomando por objeto um *corpus* constituído por produções poéticas circunscritas ao período romântico da literatura portuguesa.

**Palavras-chave:** Leitura. Feminismo. Poesia romântica. Texto literário

### 1. *Fundamentos teóricos*

#### 1.1. **Feminismo e crítica literária feminista: algumas perspectivas**

O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar somente qualquer grupo específico de mulheres, qualquer raça ou classe particular de mulheres. Ele não privilegia mulheres sobre homens. Ele tem o poder de transformar de uma forma significativa todas as nossas vidas. (HOOKS, 2000, p. 28; tradução nossa)

Assim como os próprios feminismos são o trabalho de grupos amplamente divergentes de mulheres (e homens), incluindo mulheres que se opõem umas às outras politicamente, trabalham em diferentes tradições nacionais e interstícios transnacionais, e encaram desafios sociais e políticos divergentes, também as teorias literárias feministas emergem em contextos múltiplos, contraditórios, mesmo opostos. O esforço mais sincero e bem-intencionado para representar a heterogeneidade do feminismo por meio de listas inclusivas e exemplos expandidos pode apenas adiar o inevitável momento de arriscar generalizações e testar seus efeitos. Sempre que propomos qualquer definição, quando empreendemos a imposição de um nome, a instituição de alguma identidade ou qualquer conceito, nós devemos articular alguma forma de exclusão; a identidade, mesmo em suas formas mais móveis e flexíveis, emerge da diferença. (ROONEY, 2006, p. 10; tradução nossa)

Nos círculos críticos literários, a crítica pré-feminista ou 'tradicional' foi alvo de ataques por sua cegueira para o gênero. Abordagens tradicionais do texto assumem que os textos não são generificados, que 'grandes' obras literárias expressam verdades atemporais e imutáveis e não são afetadas por questões tão mundanas como o sexo. Feministas denunciam que esse tipo de abordagem institucionaliza preconceitos masculinos por recusar-se a reconhecer que 'grandes' obras literárias muitas vezes endossam interesses e valores masculinos. (MADSEN, 2000, p. 15; tradução nossa)

## **1.2. A mulher na sociedade romântica**

Compreende-se melhor, então, por que as mulheres se manifestaram pouco durante a Revolução. Eram prisioneiras de um modelo que as encerrava em casa e lhes proibia a ação pública. Aquelas que não se submeteram pagaram caro. Realizaram tarde demais que era difícil – talvez impossível – ter acesso à igualdade quando se está encerrado numa determinada especificidade. Olympe de Gouges podia bem insurgir-se e proclamar uma soberba declaração dos direitos da mulher: suas semelhantes eram incapazes de apreender o que estava em jogo. Será preciso mais de um século para que elas comecem a compreender que tinham sido ludibriadas. (BADINTER, 1991, p. 24-25)

O próprio romantismo ajudou a forjar este tipo feminino, ao construir uma imagem de mulher simultaneamente idealizada e insignificante: a mulher *frágil*, cujo charme reside precisamente na sua vulnerabilidade; a mulher espartilhada em termos físicos ou morais, posta ao abrigo dos perigos exteriores, virginal e ignorante, cujos conhecimentos se deviam reduzir às artes de bem receber e às 'prendas domésticas': labores, um pouco de francês, de piano e de canto. Apenas o necessário para animar os salões ou os saraus familiares. (VAQUINHAS, 2000, p. 24-25)

## **2. Textos para análise**

### **2.1. Almeida Garrett (1799-1854)**

|   |  |
|---|--|
| <p style="text-align: center;"><b>Rosa sem espinhos</b></p> <p>Para todos tens carinhos,<br/>A ninguém mostras rigor!<br/>Que rosa és tu sem espinhos?<br/>Ai, que não te entendo, flor!</p> <p>Se a borboleta vaidosa<br/>A desdém te vai beijar,<br/>O mais que lhe fazes, rosa,<br/>É sorrir e é corar.</p> <p>E quando a sonsa da abelha,<br/>Tão modesta em seu zumbir,<br/>Te diz: –”Ó rosa vermelha,<br/>“Bem me podes acudir:</p> | <p>“Deixa do cálix divino<br/>“Uma gota só libar...<br/>“Deixa, é néctar peregrino,<br/>“Mel que eu não sei fabricar...»</p> <p>Tu de lástima rendida,<br/>De maldita compaixão,<br/>Tu à súplica atrevida<br/>Sabes tu dizer que não?</p> <p>Tanta lástima e carinhos,<br/>Tanto dó, nenhum rigor!<br/>És rosa e não tens espinhos!<br/>Ai! que não te entendo, flor.</p> |
|---|--|

## 2.2. Maria Browne (1797-1861)

|   |  |
|---|--|
| <p style="text-align: center;"><b>O inverno</b></p> <p>Inverno, estação da morte,<br/>Do luto da natureza,<br/>Como em ti, em mim só reina<br/>Agitação e tristeza.</p> <p>De ti as aves se afastam;<br/>De mim os risos, e as graças!<br/>Ventos contrários te agitam;<br/>A mim constantes desgraças!</p> <p>No teu seio desabrido<br/>Do fruto não vinga a flor;<br/>No meu peito amargurado<br/>Não dura a ilusão d’amor!</p> | <p>Prende o gelo as tuas fontes,<br/>Veda-me o pranto a opressão!<br/>As fontes dão vida aos prados;<br/>Pranto alívio ao coração!</p> <p>A sombria atmosfera<br/>Não encobre o teu rigor;<br/>O enganoso sorriso<br/>Não oculta a minha dor!</p> <p>Mas tu passas... vês seguir-te<br/>A linda estação das flores...<br/>Eu vivo, em quadra constante,<br/>Vida só de dissabores!</p> |
|---|--|

|   |   |
|---|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Adeus à lira</b></p> <p>Triste lira que adoçaste<br/>Da minha dor a agonia,<br/>Quando as vozes me guiaste<br/>Nos caminhos d’harmonia,<br/>Convertendo amargo pranto</p> | <p>Nunca mais do meu porvir<br/>Presságios do coração<br/>Hás-de comigo carpir<br/>Em convulsiva expressão,<br/>Qual a Sibila inspirada<br/>Sobre a trípede sentada;<br/>Nem do passado a saudade</p> |
|---|---|

|  |  |
|--|--|
| <p>Em sentido e doce canto,<br/>Que me dava alento assim:<br/>“Desgraçada! Porque choras?<br/>“Não vês tu voar as horas<br/>“Que te levam ao teu fim?”»</p> <p>E quando, na solidão<br/>Das longas noites d’Inverno,<br/>No delírio da aflição<br/>Pedia a morte ao Eterno.<br/>As tuas cordas soltavam<br/>Magos sons que me encantavam,<br/>E em meu peito adormecia<br/>A dor que o punge latente,<br/>Sempre mais cruel e ardente<br/>Depois que lhe foge o dia.</p> <p>Foste um anjo à minha sorte,<br/>Saudosa lira querida,<br/>Que me salvaste da morte<br/>Fazendo esquecer a vida.<br/>Essa vida negativa,<br/>Em que, orgulhosa e cativa,<br/>A mulher entre esplendores<br/>Se ostenta iludindo o mundo,<br/>Enquanto d’alma no fundo<br/>Está sofrendo atrozes dores.</p> | <p>Hás-de comigo chorar,<br/>Qual níveo cisne ao expirar<br/>D’Eurotas na soledade.</p> <p>Mas tudo é força perder<br/>Antes de perder a vida;<br/>Esta alma devo ter<br/>Numa rocha convertida,<br/>Que é muda... mas soberana;<br/>Que é dura... mas não tirana;<br/>... ..<br/>... ..<br/>Sinto o pranto... Choro... Adeus,<br/>Extremo alívio de meus ais!<br/>Ah! Ninguém ouvirá mais<br/>Nem teus sons, nem cantos meus!</p> |
|--|--|

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA GARRETT, J. B. da S. L. de. *Folhas caídas*. Introdução de José Gomes Ferreira. Lisboa: Portugália, 1969.
- BADINTER, Elisabeth. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Palavras de homens (1790-1793)*. Trad.: Maria Helena F. Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- HOOKS, Bell. *Feminist Theory: from margin to center*. 2. ed. Londres: Pluto Press, 2000.
- MADSEN, Deborah L. *Feminist Theory and Literary Practice*. Londres: Pluto Press, 2000.
- BROWNE, Maria. In: COELHO, Jacinto do Prado (seleção, introdução e notas). *Poetas do Romantismo*, vol. I. Lisboa: Clássica, 1965.

ROONEY, Ellen. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VAQUINHAS, Irene. “*Senhoras e mulheres*” *na sociedade portuguesa do século XIX*. Lisboa: Colibri, 2000.